

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: INTERVENÇÕES, DISCUSSÃO E RESSIGNIFICAÇÕES

GENDER VIOLENCE: INTERVENTIONS, DISCUSSION, AND RESIGNIFICATIONS

Naillé Belmonte Trindade^I 

Lizete Dieguez Piber^{II} 

^I Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Santo Ângelo, RS, Brasil. Acadêmica do Curso de Psicologia. E-mail: naill_b@hotmail.com

^{II} Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Santo Ângelo, RS, Brasil. Mestre em Educação Brasileira. Docente do Curso de Psicologia. Email: lizeted@san.uri.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar a violência, principalmente a violência de gênero, entendida como um problema social, produto da sociedade estruturada pelo patriarcado e pelo machismo, versando sobre seu conceito, manifestações e suas implicações como também discussões e intervenções propostos no Projeto de Extensão. A partir do Plano de Trabalho da Bolsista intitulado “Violência contra a mulher: intervenções, discussão e ressignificações” foram articuladas diversas ações interventivas no combate à violência contra a mulher, realizando atividades, eventos, encontros, rodas de conversa, produção de materiais, palestras, entre outros, junto à comunidade a qual abrange, trabalhando articuladamente a outras entidades e profissionais. Buscou-se fortalecer o engajamento de mais indivíduos para discutir sobre a temática, utilizando-se também de plataformas digitais para propagar informações, informar dispositivos de denúncia à violência contra a mulher e conscientizar a população em geral. Acredita-se que a Universidade Comunitária tem compromisso com a sociedade e o Projeto de Extensão cumpre com as finalidades propostas, proporcionando aos indivíduos da comunidade intervenções e reflexões, pensando novos caminhos para o enfrentamento da violência de gênero e estimulando o bem-estar psicossocial.

Palavras-chave: Violência. Mulheres. Gênero.

Abstract: This study aims to approach violence, especially gender violence, understood as a social problem, a product of the society structured by the patriarchy and by male chauvinism, concerning its concept, manifestations, and its implications as well as discussions and interventions proposed in the Extension Project. From the Scholarship Work Plan entitled “Violence against women: interventions, discussion, and resignifications” several intervening actions in the fight against violence towards women were articulated, performing activities, events, meetings, conversation groups, production of materials, lectures, among others, with the community it encompasses, working together with other entities and professionals. We sought to strengthen the engagement of more individuals to discuss the issue, also using digital platforms to disseminate information, inform devices to report violence against women, and raise awareness among the general population. It is believed that the Community-University is committed to society and the Extension Project fulfills the proposed goals, providing individuals in the community with interventions and



DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v17i32.392>

Aprovado pela Resolução 2433/CUN/2018 do Prêmio Destaque Edição 2020.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

reflections, thinking about new ways to confront gender violence and stimulating psychosocial well-being.

Keywords: Violence. Women. Gender.

Introdução

A violência é um problema social global, presente ao longo da história humana, sendo encontrada em todas as sociedades e tradições culturais. Trata-se de uma problemática interdisciplinar, que hoje tem um lugar garantido, enquanto foco de atenção da mídia, do discurso político e da sociedade.

Conforme Souza (2011), a violência é um fenômeno multideterminado que se manifestou em todos os momentos da história, desempenhando importante influência nas relações sociais. É preciso compreender a violência como um dos problemas permanentes da teoria social e da prática política e relacional da humanidade. Desde sempre existe uma preocupação do ser humano em entender a essência do fenômeno da violência, sua natureza, suas origens e meios apropriados de amenizá-la, preveni-la e eliminá-la da convivência social (MINAYO, 2006).

Para Abramovay (2003), a violência não envolve somente a utilização de força (violência física), mas também suas dimensões socioculturais e históricas. Assim, sua ocorrência implica a junção de três variáveis: a institucional (escola e família), a social (sexo, religião e status) e a comportamental (opiniões). Pensa-se também que a violência resulta num processo de desorganização do espaço social. Não é um movimento isolado e individual, mas provém de uma escalada histórico-social.

A violência estrutural, compreendida como uma das formas possíveis de manifestação da violência é perpetuada em micro e macroprocessos sócio-históricos, sendo naturalizada na cultura e responsável por privilégios e modos de dominação. Salienta-se que a maioria das violências tem base nessa violência estrutural (MINAYO, 2006). A violência estrutural é adotada tanto nas estruturas institucionalizadas da família como em sistemas econômicos, culturais e políticos, que direcionam essa violência para oprimir grupos, classes e sujeitos, em que são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que os outros (MINAYO, 1994).

As manifestações de violência na vida das mulheres podem ser compreendidas a partir da análise de fatores históricos, sociológicos e antropológicos. Ela está presente nos contextos das relações estruturadas por homens e mulheres, como uma produção intrínseca dos sistemas patriarcal e capitalista. Destina-se ao controle da vida, do corpo e da sexualidade das mulheres por homens, grupos de homens, instituições e estados.

As ações violentas, historicamente, acontecem sobre a alteridade do feminino em todas as esferas sociais. O corpo da mulher e todos os corpos que se mostram femininos significam, através da construção do pensamento social, um território do masculino, ou seja, a existência desses corpos ocorre sob a custódia dos homens (ALMEIDA, 2014).

Para Araujo (2008), a violência de gênero é produzida e se reproduz nas relações de poder e são entrelaçadas as categorias de gênero, classe e raça/etnia, em que expressa uma

maneira característica de violência global, que é mediada pelo patriarcado e que concede aos homens o direito de dominar e controlar mulheres, podendo, para tal, se utilizar de violência. Nessa perspectiva, o patriarcado é um fator influenciador na produção da violência de gênero, posto que esteja na base das representações de gênero que legitimam a desigualdade e dominação masculina incorporada por homens e mulheres.

Nesse sentido, a violência de gênero é empregada para fazer referência as várias ações praticadas contra mulheres, submetendo-as ao sofrimento físico, sexual e psicológico, aí incluídas as diversas formas de ameaças, sendo caracterizada pelas imposições ou pretensão de subordinação e controle do gênero masculino sobre o feminino (BALBINOTTI, 2018).

O projeto de Extensão “Diálogos e intervenções em Violência contra a Mulher” busca dar continuidade a um processo de investigação iniciado no ano de 2010, quando se desenvolveu a pesquisa intitulada “Representações sociais sobre violência de gênero: rompendo o silêncio” e as posteriores intervenções realizadas por meio dos Projetos de Extensão nos anos de 2013 até 2019. Cabe destacar, ainda, que a proposta extensionista, apresentada através desse projeto articula-se a práticas de estágio curricular do curso de Psicologia, bem como investigações sobre essa temática, que estão sendo realizadas já de longa data. A continuidade do trabalho qualifica a linha de extensão, permite a não interrupção de ações que tem contribuído com a comunidade local e regional e possibilita a construção de novas compreensões sobre a temática violência contra a mulher.

O Plano de Trabalho do Bolsista (PTB) denominado “Violência contra a mulher: intervenções, discussão e ressignificações” possui os seguintes objetivos: auxiliar, através de acolhimento e escuta qualificada, mulheres vítimas de violência na superação da situação de violência intrafamiliar e busca de bem estar psicossocial; estruturar e coordenar Grupo de Estudos sobre Violência contra a Mulher; selecionar e disponibilizar textos, vídeos e documentários sobre a temática Violência para os membros do Grupo de Estudos; realizar oficinas e rodas de conversa sobre Violência contra a Mulher em diferentes contextos institucionais (escolas, abrigos, Centros de Referência em Assistência Social, Estratégias de Saúde da Família, Clubes de Mães); organizar eventos sobre a temática em parceria com outros cursos da universidade, fomentando a interdisciplinaridade; ofertar à comunidade, instituições públicas e não governamentais, clubes de serviços e associações de moradores, palestras sobre Violência e Violência contra a Mulher.

Resultados

Todos os dias, um grande número de mulheres e meninas é submetido a alguma forma de violência, no Brasil e no mundo. Assédio, exploração sexual, estupro, tortura, violência psicológica, agressões por parceiros ou familiares, perseguição, feminicídio, entre outras formas de violência, manifestações extremas de diversas desigualdades historicamente construídas, que vigoram, no campo social, político, cultural e econômico das sociedades e culturas (TELES e MELO, 2002; GIFFEN, 1994).

Evidenciou-se, através de pesquisa destinada a compor o Atlas da Violência de 2019, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que houve um crescimento de 30,7% nos assassinatos de mulheres no país. Esse fato, aliado a outras formas de manifestação da violência de gênero e contra as mulheres mostram um cenário de desrespeito à dignidade humana, que tem enorme gravidade e, pela falta de compreensão e manejo, influenciam e mantêm desigualdades.

A violência contra mulher continua persistindo e, em muitos momentos aumentando, sendo que os motivos utilizados pelo homem para justificar a continuidade das agressões à mulher são os mesmos: que ela não está cumprindo seu papel de cuidar dos filhos e da casa, não está sendo uma esposa carinhosa, em virtude de a mesma se dedicar a outras coisas, como ao trabalho fora de casa, aos estudos, e outros fatores. Percebendo-se assim que o pensamento patriarcal continua sendo significado e, por vezes, ressignificado na sociedade (SANTOS *et al.*, 2019).

Apesar da gravidade do problema, nas diferentes regiões do planeta, a falta de compreensão sobre as desigualdades e as relações de poder, que são construídas junto aos papéis associados ao gênero masculino e feminino, leva à negação de direitos e diferentes níveis de tolerância social à violência, gerando, assim, ainda mais violência.

É importante frisar também que as desigualdades socialmente estabelecidas para os comportamentos “femininos” e “masculinos” são articuladas com outros marcadores sociais na produção de desigualdades e violências. Por tudo isso, é fundamental desnaturalizar papéis sociais e culturalmente forjados para construir uma cultura de respeito aos direitos humanos das mulheres.

Segundo Aguiar (2002), Walker diz que o “ciclo da violência” engloba três fases. A primeira fase seria a de construção, do aumento de tensão, onde ocorrem incidentes verbais, atitudes intimidatórias e de controle. A mulher acalma o agressor, aceita responsabilidade e se culpa por ter lhe provocado, espera controlar a situação, tenta mudar o seu comportamento. A segunda fase é caracterizada por uma incontrolável descarga de tensão, sendo a mulher espancada com armas e objetos, independentemente de seu comportamento. E por fim, a terceira fase corresponde a uma temporária reconciliação, que é marcada por um extremo amor e comportamento gentil do agressor, demonstra consciência de ter exagerado em suas ações e, supostamente arrependido, pede perdão, prometendo controlar sua raiva e não feri-la novamente. O empoderamento, portanto, diz da ressignificação da história de vida, buscando a independência, a dignidade e a cidadania plena.

A partir de agosto do ano de dois mil e dezenove foram realizadas diversas atividades no Bairro Dido, situado na periferia da cidade, tendo em vista a necessidades desta localidade que se caracteriza como um bairro com índices altos de violência. As atividades foram numa Unidade Básica de Saúde – UBS, uma localização favorável para o contato com indivíduos em vulnerabilidade, pois a UBS tem proximidade com o Clube de Mães, Escola e CRAS, o que facilita a integração entre as demandas e a inserção dos sujeitos em diferentes contextos.

Na Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro Dido, foi realizado com a equipe de profissionais um grupo de estudos semanal, para discutir e pensar a compreensão e o cuidado destinado à saúde das mulheres vítimas de violência de gênero. Sendo os temas trabalhados: o acolhimento à mulher vítima de violência de gênero, desenvolvimento de um espaço de segurança para estas mulheres expressarem suas demandas, empatia dos profissionais com as pacientes.

Estas temáticas são de grande importância na construção de um trabalho adequado às mulheres vítimas de violência de gênero, pois se trata de desenvolver a capacidade de fornecer suporte às mulheres, para que estas sintam-se seguras e possam realizar seu relato e pedir por ajuda.

O suporte se mostra como a base necessária para que o trabalho com as vítimas possa ocorrer, de acordo com Souza *et al.* (2007) o suporte só ocorre quando o sujeito sente satisfação do apoio recebido, assim como desenvolver sentimentos que lhe causem bem-estar, sentindo-se amado, acolhido, em segurança, compreendido. O suporte auxilia a pessoa a encontrar forças para lidar com as situações de tensão, dessa forma é necessário que lhe proporcione bem-estar físico e psíquico.

Souza *et al.* (2007) também afirma que o suporte pode vir de diversos locais, como a família, amigos, ambientes sociais e instituições sociais, sendo que quando se trata de um ambiente onde não há laços de intimidade, a realização do suporte deve ser bem estruturada e segura, embasando-se nas necessidades do sujeito e no espaço onde este está inserido. Dessa forma, a realização de grupo de estudos na UBS se mostra de grande importância, pois prepara os profissionais, que muitas vezes não tiveram formação continuada, para identificarem as vítimas de violência de gênero e fornecerem suporte para estas, pensando em conjunto qual o encaminhamento adequado.

Foi produzido um *flyer* com informações sobre o que é violência contra a mulher, como ajudar uma mulher que esteja em um relacionamento abusivo e onde procurar ajuda, para as agentes comunitárias de saúde levarem nas suas visitas domiciliares. A resposta a este material foram mulheres buscando auxílio com a enfermeira chefe, que realizou os encaminhamentos, assim como o atendimento psicológico prestado a três (3) mulheres que buscaram a unidade como local de auxílio no enfrentamento a violência de gênero contra a mulher. Assim como, após a distribuição de panfletos na sala de espera que abordavam a temática violência contra a mulher abriu-se um espaço de fala e conversa, onde diversas mulheres manifestaram-se e realizaram falas.

A produção de material visual, como murais e cartazes falando sobre a violência de gênero contra a mulher foram desenvolvidos na UBS e utilizados como forma de tornar o espaço mais receptivo as necessidades das mesmas.

Essa ação na UBS se faz primordial por entender-se que muitas mulheres vítimas de violência de gênero recorrem primeiro aos setores de saúde, para tratar dos seus ferimentos físicos. Conforme Cerqueira (2018) o Atlas da violência afirma que a mulher não deve apenas ser assistida pelo sistema de Justiça Criminal, mas também pelo sistema de saúde, pois em diversos casos as mulheres encontram-se primeiro nesse ambiente e o frequentam diversas vezes antes de conseguirem acesso à Justiça Criminal.

No Clube de Mães no Bairro Dido foram realizadas Rodas de Conversa onde foram abordados assuntos referentes a sexualidade da mulher e sexualidade na terceira idade. O grupo se constituiu de mais de quarenta (40) mulheres, de diversas faixas etárias, sendo realizados quatro (4) encontros.

A sexualidade é uma necessidade humana, que não se restringe ao sexo, mas fala dos sentimentos, emoções, prazeres e corporeidades. Para Frugoli e Júnior (2011) as mulheres são os sujeitos que mais sofrem preconceitos em relação a sua sexualidade e sobre a sexualidade na terceira idade, por serem julgadas pela sua aparência e capacidade reprodutiva. A velhice feminina está socialmente associada a perda da libido e infecundidade. O que faz com que as mulheres reprimam os seus desejos e a sua sexualidade, por vergonha e culpa. Portanto, se faz necessário desconstruir a ideia preconceituosa de que mulheres idosas não possuem sexualidade, que não podem se expressar quanto ao sexo e a sua sexualidade, pois estes princípios estão ligados a saúde e bem-estar humano.

A pedido de uma escola localizada no centro da cidade foram atendidas duas demandas. Realização de um grupo com adolescentes, para esclarecer os conceitos de violência contra a mulher e as masculinidades. Foram realizados cinco (5) encontros, com os meninos e as meninas separadamente, sendo alcançada uma média de trinta (30) alunos.

Antes de cada encontro escutamos as queixas da vice-diretora, que enfatizava o comportamento sexual dos meninos para com as meninas. Ela conta que as queixas são muitas e que os pais das meninas já a procuraram para pedir explicações. Entre as queixas estão os toques inadequados dos meninos nas meninas, sem o consentimento destas, palavrões e xingamentos de cunho sexual, imitações e gestos que simulam atos sexuais feito pelos meninos para intimidar as meninas. Em um momento eles passaram o perfume deles nelas antes do intervalo do recreio, para que elas ficassem “marcadas” com o cheiro deles.

No primeiro encontro com as meninas fizemos uma roda e nos apresentamos, iniciamos o assunto sexualidade e quando questionado sobre o comportamento dos meninos, as queixas eram unânimes, todas tinham algo para contar, e as queixas se mostram mais sérias do que a vice-diretora supunha. Os meninos forçavam as meninas a lhes beijarem e as perseguiram fora da escola. Com a autorização delas eu pude relatar para a diretora esses acontecimentos.

No segundo encontro conversamos sobre a importância do respeito ao corpo e ao espaço pessoal, pensamos nos limites de cada uma e na compreensão delas sobre sexualidade, estabelecemos os limites entre amizade e abuso.

No terceiro encontro realizamos uma dinâmica, as meninas receberam folhas em branco e deveriam desenhar seus sonhos, desejos, coisas que gostam e deveriam escrever uma palavra ou frase que achassem importante.

O quarto encontro foi uma produção de cartazes. Através dos desenhos e frases separamos, antecipadamente, imagens de mulheres famosas, cientistas, desportistas, arquitetas e artistas, que representassem os desejos de futuro das meninas, assim como levamos as frases e palavras impressas. Elas recortaram, colaram e pintaram dois cartazes, em seguida escolheram onde iriam fixá-los, escolheram a própria sala de aula, para que seus colegas meninos pudessem ver.

No último encontro com os meninos, falamos sobre o comportamento deles, sobre o que é violência e suas consequências, relacionamentos abusivos e amizade. Eles participaram e questionaram bastante, querendo entender o mundo das meninas e como se portar nesse local.

Bachega *et al* (2019) afirma que é de grande importância a socialização preventiva da violência, assim como desenvolver nos jovens e adolescentes habilidades de comunicação e contato com o outro e ressalta o papel da escola na prevenção da violência contra a mulher, assim como estabelecer novas masculinidades. Através do trabalho em sala de aula com jovens e adolescentes desenvolver ferramentas educativas de socializações saudáveis que previnam a violência de gênero e que compreendam o espaço do outro em sociedade.

A segunda demanda solicitada pela escola foi uma palestra de uma hora com os alunos do terceiro ano do turno noturno, em média quarenta (40) alunos, sobre os diversos tipos de famílias e suas configurações na sociedade.

Com relação ao Grupo de Estudos sobre Violência de Gênero foram realizados seis (6) encontros ao longo do período de agosto de 2019 até dezembro de 2019, sendo realizados no prédio 03 da URI – Campus Santo Ângelo.

O primeiro encontro trabalhou sobre o tema “Corpos e Mídia”, contando com apoio audiovisual para elucidar o conteúdo. Exibindo comerciais divulgados na televisão aberta para serem analisados pelo grupo, pensando o papel da mulher na mídia. Além disso foi discutido o texto “As Representações do feminino na publicidade” de Maria Inês Ghilardi-Lucena.

O segundo encontro deu continuidade ao estudo sobre corpos, tendo como tema “Corpos de Mulheres Negras”, contando com a participação de uma representante da Etnia Afro de Santo Ângelo. O grupo foi dirigido por ela, que levantou discussões e trouxe a história da população negra no Brasil e a construção do racismo.

O terceiro encontro abordou a temática “Corpos Violados”, sendo trabalhado o texto “Corporeidades silenciadas: reflexões sobre as narrativas de mulheres violadas” de Jane Beltrão, Camille Barata e Mariah Aleixo, bem como foi projetado um vídeo sobre violência sexual. Esses dispositivos permitiram impulsionar a discussão.

No quarto encontro foi abordada a temática “Masculinidade”, com os textos “Elementos para uma análise do machismo” de Mary Pimentel Drumont e “Laços perigosos entre machismo e violência” de Maria Cecília de Souza Minayo. Além disso, participaram do grupo dois acadêmicos do curso de psicologia que apresentaram seu trabalho de estágio curricular denominado Grupo Reflexivo com homem indiciados pela Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006). Foi uma excelente discussão.

Ao longo do segundo semestre de dois mil e dezenove (2019) participamos da organização de um significativo evento para a cidade e região. O evento foi proposto e gestado, pois acreditar que um novo mundo é possível não é suficiente. É preciso que todos e todas estejamos dispostos e dispostas a auxiliar em sua construção. Imprescindível que diferentes segmentos da sociedade despertem para a necessidade de somar esforços e que se comprometam com causas que têm se mostrado cada vez mais relevantes. Nesse sentido, o reconhecimento de nossas vulnerabilidades, enquanto sociedade é importante passo para que a humanidade como um todo possa evoluir,

considerando a evolução enquanto processo que proporciona mudanças e transformações que nos levem ao aprimoramento individual e coletivo. Assim, para que seja possível vislumbrar uma realidade mais igualitária e justa, imperioso que os preconceitos sejam trabalhados, que a discriminação e a opressão cedam espaço para a solidariedade e a empatia. Movidos e movidas pelos valores constitucionalmente eleitos e tendo como ideário a realização da dignidade da pessoa humana, a equidade nas relações humanas, a erradicação da pobreza e da miséria, bem como o respeito à todas culturas, formas de ser e existir, foi promovido o evento “Diálogos de Diversidade: tecendo redes de humanização e conhecimento”, ao longo de todo o mês de novembro de 2019.

Foram realizadas diversas atividades, como oficinas, seminários, debates, diálogos, atividades em escolas, no presídio Regional de Santo Ângelo, bem como um sarau envolvendo arte, música, dança e poesia. Para tornar o evento uma realidade, tivemos as seguintes entidades envolvidas como promotoras: PPGD – Mestrado e Doutorado em Direito da URI, campus Santo Ângelo/RS; PPGD – Mestrado e Doutorado em Direitos Humanos da UNIJUÍ; PPG em Teologia – Faculdades EST; Grupo de Estudos “Violência de Gênero” (URI/SAN); Projeto de Pesquisa “Direitos Humanos e Movimentos Sociais na Sociedade Multicultural” (URI/SAN); Curso de Graduação em Direito da URI Santo Ângelo; NUGEDIS – Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) de Santo Ângelo; Etnia Afro-Brasileira – Grupo Cultural “Negras Raízes”. Outras entidades ou iniciativas foram parceiras, enquanto copromotoras: Curso de Psicologia URI/SAN; Curso de Educação Física URI/SAN; Curso de Enfermagem URI/SAN; Curso de Teologia – Faculdades EST; Núcleo de Pesquisas de Gênero – Faculdades EST; Diretório Acadêmico Erga Omnes do Curso de Graduação em Direito/URI; Coordenadoria Municipal da Mulher; Fórum Permanente Pró-Eradicação da Violência contra a mulher; Conselho Municipal da Mulher; Comissão da Mulher da OAB Santo Ângelo; SINPRO Sindicato; CPERS SINDICATO; Conselho Municipal de Políticas Culturais; Ciranda de Dança Circular Pontos de Luz URI/SAN. Dentre as atividades desenvolvidas, e também como resultado das vivências oportunizadas, no dia 13 de novembro de 2019, foi realizada Mostra de Trabalhos que, por sua vez, contemplou publicações e explanações orais de Resumos e Resumos Expandidos. Os trabalhos apresentados derivaram de pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, bem como relatos de experiências que tanto enriqueceram o diálogo e as belas reflexões que se sucederam nas instalações do Prédio 18 da URI Santo Ângelo.

O quinto encontro do Grupo de Estudos foi realizado dentro das atividades do evento “Diálogos de Diversidade” e consistiu numa oficina com a temática “Fazendo e Desfazendo Gênero”, utilizando diversas técnicas que permitiram narrativas e produções discursivas sobre gênero e a confecção de um lindo “estandarte da Diversidade”, o qual será utilizado pelo grupo em atividades futuras.

No sexto encontro ocorreu o encerramento do semestre, oportunidade em que realizou se dinâmicas de grupo e momentos de confraternização, sendo encerrado com a confecção de uma cápsula do tempo, com desejos para o ano de 2020.

Participaram do Grupo de Estudos, ao longo do segundo semestre de 2019, 45 pessoas e do Evento de Diversidade cerca de 400 pessoas.

A partir de fevereiro de dois mil e vinte foram realizadas diversas atividades, como a construção do calendário para os meses de março a julho do Grupo de Estudos, bem como a escolha e organização das temáticas a serem abordadas no Grupo, criação de vídeo informativo sobre denúncias de violência à comunidade, criação de um perfil na rede social Instagram, a fim de publicar conteúdos informativos e proporcionar reflexões.

As atividades de caráter comunitário como palestras, rodas de conversa e oficinas que vinham ocorrendo e foram relatadas no relatório anterior (de agosto de 2019 a janeiro de 2020), tais como grupo de estudos com equipe de profissionais da Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro Dido, para discutir e pensar a compreensão e o cuidado destinado à saúde das mulheres vítimas de violência de gênero; rodas de conversa nos Clubes de Mães, onde foram abordados assuntos referentes a sexualidade da mulher e sexualidade na terceira idade; palestras e rodas de conversa com estudantes de escolas públicas debatendo e produzindo pensares sobre violência contra a mulher, masculinidades e configurações/relações familiares tiveram que ser interrompidas presencialmente a partir de março de 2020, em virtude da pandemia de Covid-19.

Em situações de pandemia, como a do COVID-19 pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), que em teoria, iniciou em dezembro na China e, posteriormente, afetou o mundo inteiro, os indicadores de países como China, Espanha e Brasil evidenciam que os casos de violência já existentes se agravaram, ao mesmo tempo em que surgem novos casos, em decorrência do isolamento social, há restrições em deslocamentos, que são necessárias para prevenir ou diminuir a transmissão da COVID-19. As medidas de distanciamento social que podem desacelerar a contaminação pelo vírus, também podem aumentar os números de mulheres em situação de violência familiar (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020).

No Brasil, desde o primeiro mês da pandemia, tem sido noticiado o aumento da violência contra a mulher, uma vez que muitas pessoas tiveram suas atividades restritas ao ambiente doméstico, fazendo com que mulheres de variadas idades e condições econômicas ficassem confinadas com parceiros agressivos, intensificando a violência de gênero. (TOLEDO, 2020).

Sabe-se que o desdobramento da discussão destas temáticas tem importância na construção de um trabalho adequado às mulheres vítimas de violência, visto que o desenvolvimento de articulações e reflexões fortalece o engajamento da comunidade, conscientizando indivíduos sobre o tema e influenciando no combate à essa violência, porém em decorrência das circunstâncias vividas no mundo foram necessárias adequações que mantivessem alcance aos diferentes grupos etários e sociais.

Foi produzido um vídeo com a participação da orientadora, bolsista e algumas participantes do Grupo de Estudos que tinha o intuito de informar diversos meios de comunicação para fazer denúncias de violência contra a mulher na cidade de Santo Ângelo, o vídeo foi produzido sem som, com imagens das participantes segurando placas que continham números, sites e aplicativos para orientar e que poderiam ser utilizados como dispositivos para denunciar qualquer tipo de violência contra a mulher, principalmente em meio à uma pandemia que faz com que as vítimas ficassem confinadas junto de seus agressores sem acesso à Delegacias ou outros locais para denunciar. A justificativa do vídeo não possuir qualquer tipo de som é

explicada de forma com que a vítima possa assisti-lo sem que o agressor perceba. O vídeo foi enviado para diversas pessoas e em várias redes sociais, na tentativa de alcançar muitas mulheres e ser o mais abrangente possível.

A criação de um perfil do Grupo de Estudos sobre Violência de Gênero na rede social *Instagram* possibilitou na promoção de informação e auxílio à comunidade, visto que as publicações visavam orientar os indivíduos sobre a violência de gênero, conceituando aspectos envolvendo o tema, maneiras de ajudar pessoas próximas acometidas da violência doméstica, formas de identificar violências, endereços, números, sites e aplicativos que podem ser utilizadas como dispositivos para realizar denúncias, informações sobre a Lei Maria da Penha, informações que desmistificam mitos criados na sociedade e mensagens de maneira a empoderar outras mulheres, além de ser um canal para divulgação dos encontros do Grupo de Estudos.

Foi realizado pelo Grupo de Estudos sobre Violência de Gênero dois eventos ao longo do ano de vigência do Plano de Trabalho da Bolsista: o primeiro no mês de novembro de 2019, denominado “Diálogos de Diversidade: tecendo redes de humanização e conhecimento” e o segundo, uma mesa redonda online, por aplicativo Google Meet que permite videoconferência síncrona, com a participação da Promotora de Justiça de Santo Ângelo/RS e de uma professora do curso de Direito da URI – Santo Ângelo, a fim de debater sobre “Violência contra a Mulher: da avaliação de risco à busca pela igualdade”, produzindo reflexões e trazendo conhecimentos teóricos e práticos para melhor ilustrar as falas sobre a temática, havendo participação de cinquenta e uma (51) pessoas.

O Grupo de Estudos sobre Violência de Gênero teve sete (7) encontros virtuais, ocorridos através da plataforma online *Google Meet*, que é um serviço de comunicação por vídeo, e foram realizados ao longo do período de abril até julho de 2020.

No primeiro encontro do Grupo de Estudos do primeiro semestre de dois mil e vinte foi abordado o isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19 e a violência doméstica, comentando sobre notícias veiculadas na imprensa, que falavam nas implicações das mulheres que se encontram confinadas em suas residências com seus agressores e sobre a possível subnotificação de casos nos meses de março e abril.

O segundo encontro deu continuidade ao assunto sobre violência contra a mulher e isolamento social, porém com o auxílio da Delegada da Delegacia da Mulher de Santo Ângelo e da Promotora de Justiça de Santo Ângelo para abordar o respectivo tema com propriedade, visto que atuam ativamente nesse contexto.

No terceiro encontro foi falado sobre “Masculinidades: grupo reflexivo com homens”, assunto conduzido por uma acadêmica e um acadêmico de Psicologia que desenvolveram projeto com esse nome em estágio curricular do curso, expondo resultados e reflexões obtidas nesse trabalho.

O quarto encontro deu continuidade ao assunto sobre Masculinidades, contando novamente com a presença da acadêmica e do acadêmico de Psicologia, relatando outros aspectos vivenciados por eles durante o processo do projeto desenvolvido no estágio.

O quinto encontro abordou o tema Feminismo Negro, contando com a fala de uma representante da Etnia Afro de Santo Ângelo, onde vivências e dificuldades da mulher negra com o racismo foram interpelados.

No sexto encontro foi discutido sobre “Respeito às diversidades: a experiência de LGTBS que vivem em cidades pequenas” em parceria com o Diretório Central de Estudantes (DCE) da URI – Santo Ângelo, contando com mais uma convidada e um convidado expondo e discutindo preconceitos e complicações com relação a orientação sexual e identidade de gênero.

O sétimo encontro contou com a presença do professor da UFSM Dr. Odailso Berté falando de suas pesquisas e obra relacionadas à Frida Kahlo, relatando minúcias da pesquisa, expondo reflexões sobre a vida e realizações contextualizadas historicamente de Frida.

Participaram do grupo de estudos ao longo do primeiro semestre de dois mil e vinte (2020), na modalidade online, cerca de 103 pessoas.

Conclusão

Percebendo a violência de gênero como um produto da sociedade pautada no fator patriarcal, nota-se que as diferenças naturais entre homens e mulheres se transformam em desigualdades, quando essas têm como finalidade oprimir e dominar o outro. É preciso pensar e reconhecer o homem e a mulher como semelhantes, o que abarca aceitar o outro em sua diferença e com igualdade de direitos, enfim, com sua liberdade de ser no mundo, tendo preservada a garantia de seus direitos.

A luta pela igualdade de gênero para Sales (2018), deve respeitar diferenças, incluir, emancipar e reconhecer mulheres como sujeitos de direitos particulares e que sofrem violência em função de sua condição de ser mulher. A perspectiva de gênero dá importância à igualdade na diferença, reivindicando que as mulheres devem ter igualdade em direitos, condições e oportunidades, mantendo as diferenças e as respeitando.

É fundamental estabelecer um acolhimento adequado e com ética diante dessa demanda. Através das ações desenvolvidas na UBS, no Clube de Mães e na escola ficou evidente a complexidade e a dinâmica da violência contra as mulheres, onde se colocam questões como poder, gênero, classe social, desigualdade, medo, adoecimentos.

Dessa maneira, é imprescindível que o debate e a conscientização continuem ocorrendo para que a proteção dos direitos das mulheres possa ser assegurada, proporcionando reflexões. Para Sales (2018) é importante que se relacionem as questões de gênero e a discussão sobre os direitos humanos, utilizando perspectivas que permitam compreender que as desigualdades são pouco problematizadas.

Minayo acredita que “qualquer ação para superar a violência passa por uma articulação intersetorial, interdisciplinar, multiprofissional e com organizações da sociedade civil e comunitárias que militam por direitos e cidadania” (1994, p. 16). Diante disso, é fundamental que a Universidade Comunitária mantenha o compromisso de proporcionar debates, reflexões

e intervenções para a comunidade a qual abrange, visando identificar práticas e padrões de violências e que se pensem formas para combatê-las, cujo projeto tem como proposta.

E é considerando esse compromisso e pensando nos objetivos propostos para o Plano de Trabalho do Bolsista, que se acredita que os mesmos foram alcançados, pois o contexto de confiança, de proteção e segurança foi possível para as mulheres abordadas, inclusive com a produção de novas demandas comunitárias e abarcando novas instituições. As reflexões sobre as vivências foram constantes e nota-se que perpassam os contextos de ação descritos, visto que é necessária a conscientização sobre os aspectos relacionados a violência de gênero e essa só se torna possível se for pensada no contexto familiar, social, grupal, enfim, em todos os contextos que fazem parte da vida da mulher.

Acredita-se que foi possível a reflexão e a discussão da temática, bem como pensar novos caminhos para o enfrentamento das diferentes manifestações de violência na vida das mulheres, embora limitadamente em parte do Projeto, devido à pandemia de Covid-19, foram utilizados meios digitais para conscientização, comunicação, materiais de orientação, organização de Grupos de Estudos e Roda de Conversa, proporcionando debates qualificados, considerações e orientações com o intuito de auxiliar em situações de violência, estimulado o bem-estar psicossocial.

Referências

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Escola e violência**. Brasília: UNESCO/UCB, 2003.

AGUIAR, C. *et al.* **Guia de serviços de atenção a pessoas em situação de violência**. Salvador: Fórum Comunitário de Combate à Violência/Grupo de Trabalho Rede de Atenção, 2002.

ALMEIDA, T. Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente e atualizado em escala mundial. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, 2014.

ARAÚJO, M. F. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 jul. 2020.

BACHEGA, D. *et al.* Prevenção de violência contra a mulher na formação docente: análise de uma experiência. **Currículo sem fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 278-292, 2019.

BALBINOTTI, I. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. **Revista da ESMESC**, v. 25, n. 31, p. 239-264, 2018.

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da Violência 2018**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/ Fórum Brasileiro de Segurança Pública: Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2018>. Acesso em: 26 jul. 2020.

FRUGOLI, A., JUNIOR, C. A. O. A sexualidade na terceira idade na percepção de um grupo de idosas e indicações para a educação sexual. **Arquivos de Ciências da Saúde UNIPAR**, v. 15, n. 1, p. 85-93, 2011.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial: Violência doméstica e familiar na pandemia de Covid-19**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020.

GIFFEN, K. Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, n. 10, p. 146-155, 1994.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). **Atlas da violência 2019**.

MINAYO, M. C. S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 7-18, 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 jul. 2020.

MINAYO, M. C. S. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

SALES, C. M. R. Direitos humanos das mulheres: cidadania e emancipação. **Revista Eletrônica Direito e Política**, Itajaí, v. 13, n. 3, p. 1169- 1200, 2018. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rdp/article/view/13714/7754>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SANTOS, R. G. *et al.* Violência contra a Mulher à Partir das Teorias de Gênero. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 13, n. 44, p. 97-117, 2019.

SOUZA, G. R. **Cidadania e incivilidades: reflexões e críticas fundamentadas nas representações sociais da violência urbana**. INTERLINK, v. 2, n. 2, 2011.

TELES, M. A. A.; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

TOLEDO, E. **O aumento da violência contra a mulher na pandemia de Covid-19: um problema histórico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020. Disponível em: <http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1781-o-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-na-pandemia-de-covid-19-um-problema-historico.html#.XwqAzW1KjIU>. Acesso em: 26 jul. 2020.